

## **“Nossas Brincadeiras”**

**E.E. Alcides da Costa Vidigal**

**Profa. Jacqueline Cristina Jesus Martins**

Na Escola Estadual Alcides da Costa Vidigal, antes do início do ano letivo, durante as reuniões de planejamento, os professores, a coordenação pedagógica e a direção da escola definem coletivamente qual será o tema do projeto que norteará os trabalhos durante o ano. Tal tema serve como referência para a seleção de conteúdos e para a elaboração de ações pedagógicas com vistas ao alcance dos objetivos definidos pelo projeto coletivo. A partir desse tema, os professores de cada disciplina elaboram um plano de ação para contribuir com o desenvolvimento do projeto. No ano de 2007, foi eleito o macro-projeto “Identidade”, que almejou discutir questões sobre o autoconhecimento, a família e suas origens em todas as áreas abrangidas pelo currículo escolar.

Em busca de integrar o componente curricular Educação Física ao projeto Identidade, nas 1<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental, tematizei junto aos alunos as brincadeiras da cultura patrimonial. Tal afirmação foi verificada no mapeamento inicial realizado junto aos alunos, no qual constatei que parte significativa das crianças brincava ou havia aprendido suas brincadeiras com integrantes da família como pais, mães, tios, primos e irmãos.

Com a confirmação do ambiente familiar como primeiro espaço social no qual as crianças constroem sua cultura lúdica, tivemos mais tranquilidade para elaborar, junto aos alunos das 1<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental, o projeto “Nossas Brincadeiras”, como forma de articular práticas pedagógicas relativas à cultura corporal ao macro-projeto “Identidade” desenvolvido pelo coletivo da escola. O projeto “Nossas Brincadeiras” foi realizado com as cinco salas de 1<sup>a</sup> série da escola, portanto, todos os alunos matriculados naquela série, em 2007, foram envolvidos.

Apesar da sua inserção no macro-projeto “Identidade”, o projeto “Nossas Brincadeiras” apresentava objetivos específicos definidos pelos professores de Educação Física da escola:

- Identificar as brincadeiras que as crianças conhecem / jogam, a fim de socializá-las para que se ampliem os conhecimentos a respeito dessas manifestações da cultura corporal;

- Vivenciar as brincadeiras, adaptando as regras as condições do grupo, possibilitando construção coletiva dos modos de brincar;
- Entender as diferenças entre brincadeiras, jogos e esportes;
- Respeitar a diversidade apresentada pelos colegas nas formas de jogar e brincar;
- Saber posicionar-se diante os colegas nos momentos de avaliação das brincadeiras, procurando identificar o que foi positivo e o que foi negativo naquela prática;
- Entender como as brincadeiras vão sendo transmitidas e transformadas ao longo da história.

Para o desenvolvimento do projeto “Nossas Brincadeiras”, selecionamos como manifestações corporais a serem estudadas as brincadeiras que compunham a cultura patrimonial dos alunos. Trata-se daquelas relacionadas ao contexto familiar e local, em outras palavras, são as brincadeiras aprendidas e vivenciadas a partir de familiares, vizinhos e amigos do bairro. A seleção dessa temática fundamentou-se em dois critérios: 1) Estas são as brincadeiras que crianças de 6 e 7 anos de idade possuem maior conhecimento e vivência; 2) Utilizar um conhecimento oriundo e valorizado pela família e pelo seu grupo social transmite um sentimento de pertencimento, o que correspondia a um dos objetivos do projeto “Identidade”.

Iniciei o trabalho com um mapeamento acerca dos conhecimentos que os alunos acumulavam sobre as diferentes formas de brincar. Esse mapeamento foi realizado em rodas de conversas, nas quais partimos de um roteiro de questões sobre cotidiano dos alunos, como por exemplo: com quem moravam, se já haviam freqüentado outras escolas, o que faziam nas outras escolas, quais brincadeiras realizavam em casa, com quem brincavam, entre outras questões que pudessem nos informar um pouco mais sobre as vidas e também quais as práticas corporais que estas crianças tinham acesso. Através dessa atividade, foi possível traçar algumas características dos alunos das primeiras séries naquele ano.

A escolha da realização do mapeamento através das rodas de conversa foi um instrumento muito importante, visto que muita coisa no espaço escolar é novidade para as crianças e, portanto, deixá-los falar deles mesmos é uma forma de se reconhecerem como pertencentes aquele novo espaço. Pois, assim, eles perceberam que a escola não é apenas um espaço aonde virão aprender coisas novas, mas sim um espaço para que também ensinem,

ampliem, dêem outros significados e aprofundem seus conhecimentos em torno de determinadas práticas. Esse fato transformou nossas rodas de conversas em momentos de conflitos, nos quais vários alunos queriam falar ao mesmo tempo, alguns queriam falar mais do que os outros, não se conseguia ouvir o que diziam os colegas, enfim o trabalho com as rodas de conversas, inicialmente, foi um momento conflitante para os alunos e para a professora.

A partir dos dados levantados no mapeamento, foi possível verificar que a maioria das crianças já havia freqüentado instituições de Educação Infantil. Constatei também, que as crianças tiveram oportunidade de vivenciar e experimentar uma grande quantidade e diversidade de brincadeiras nesses locais. Um outro dado importante para o trabalho é o de que as crianças se apropriam e vivenciam brincadeiras em suas próprias casas, dado que contrariou a hipótese de um grupo de professores da própria escola, o qual afirmava que as crianças dessa geração brincavam menos que as crianças de gerações anteriores, fundamentados sob os argumentos que a urbanização e o avanço tecnológico seriam impeditivos no acesso à cultura lúdica. Percebemos que as crianças brincam bastante, no entanto, brincam de brincadeiras e com brinquedos diferentes dos de outras épocas.

Com base no mapeamento e com vistas ao alcance dos objetivos propostos, selecionamos enquanto método de trabalho a apresentação das brincadeiras pelos próprios alunos seguida pela proposição de vivências das mesmas, de forma que, cada um apresentava aos colegas da classe uma brincadeira que aprendeu em um local externo à nossa escola e, posteriormente, o grupo procurava brincar conforme as orientações do apresentador. Para organizarmos as apresentações, elaboramos uma lista composta pelos nomes dos alunos e os nomes das brincadeiras que eles apresentariam. Dessa forma, as experiências de cada um dos alunos eram valorizadas diante do grupo, e isso foi de grande importância dentro do trabalho, pois posicionou todos os alunos como portadores de saberes e de conhecimentos que podem ser validados na escola.

Dessa forma, em cada aula um aluno era responsável por apresentar a sua brincadeira. O aluno escolhido explicava a sua brincadeira, contava onde e com quem aprendeu e onde costumava brincar. Após a apresentação nós realizávamos a brincadeira proposta da forma que o aluno conhecia fora do ambiente escolar. Depois de vivenciar a brincadeira, indagava os alunos de forma a promover suas análises sobre a experiência, assim, era aberto um espaço

para que opinassem se a brincadeira estava dando certo ou não e quais eram seus aspectos positivos e negativos. Caso a brincadeira não estivesse dando certo, era questionado quais seriam as adaptações necessárias para torná-la possível no espaço escolar. Abria-se espaço, novamente, para os alunos proporem modificações à brincadeira, sendo que as propostas levantadas eram escolhidas, de forma democrática. Os alunos apresentavam suas propostas e os outros levantavam a mão para eleger a proposta que mais lhe agradava. A proposta com maior número de votos era realizada. Com as modificações aprovadas pelo grupo, realizávamos novamente a brincadeira. Nos momentos de discussão, outros alunos que conheciam a brincadeira apresentada com outras regras ou com outros nomes apresentavam, também, as suas formas de brincar. Tal procedimento de reunir e discutir os impasses ocorridos durante a vivência da brincadeira acontecia quantas vezes fossem necessárias. Assim, toda vez que surgia algum problema na brincadeira ou que surgia alguma questão que não havia sido estabelecida nas regras apresentadas inicialmente, nos reuníamos para buscar uma solução coletiva dos problemas ali surgidos.

Nem sempre a apresentação da brincadeira durava somente uma aula. Muitas vezes, as brincadeiras apresentadas pelos alunos, em suas origens (casa, bairro, praça, família), eram realizadas em condições diferentes daquelas que tínhamos na escola (tempo, número de participantes, espaço físico), logo, permanecíamos na mesma brincadeira até o momento em que os alunos encontrassem uma forma de brincar que respeitasse as características do grupo e do espaço escolar.

Manter a rotina das aulas também proporcionou que algumas dificuldades iniciais nas rodas de conversa como todos falando ao mesmo tempo, apenas algumas crianças opinando sobre a brincadeira e conversas paralelas, fossem superadas, dando espaços para outros tipos de conflitos como divergências de opiniões, mais de uma proposta para a melhora da atividade, momentos de votações das propostas apresentadas, apresentações de outras formas da mesma brincadeira e isso aumentou as possibilidades de diálogos entre as crianças. É importante ressaltar também que nesses momentos, a professora mantinha-se atenta para garantir a todos o direito de emitir suas opiniões e suas sugestões, portanto a melhora dessa prática se dá a partir das intervenções docentes no sentido de certificar que todos os interessados em apresentar suas posições tenham oportunidade de fazê-lo.

Inicialmente, quando perguntados sobre como poderíamos resolver os problemas, alguns alunos diziam que quem deveria decidir era a professora, pois assim seria mais rápido. Com o andamento do projeto, percebi que essas posturas foram mudando e que mais alunos começaram a apresentar suas propostas para solucionar os problemas surgidos. Contudo, também notei que algumas crianças só emitiam suas opiniões e sugestões quando eram perguntadas ou nos momentos de votação. Procurei tentar trazer essas crianças para o diálogo, mas nem sempre consegui. Porém, eu também acreditava que os alunos tinham o direito de só se expressarem apenas quando quisessem. Percebi, então, que falhei em alguns desses momentos ao não conseguir trazer essas crianças para o diálogo através de algumas provocações que poderiam ter sido feitas em alguns momentos.

Foi possível notar também que durante o período das apresentações, algumas crianças se destacaram diante do grupo após apresentarem suas brincadeiras. Inicialmente mais tímidas, após apresentar a brincadeira e ela ter sido realizada por todo o grupo, o aluno se sentia mais seguro por sentir-se apoiado pelo coletivo. Mas, em alguns casos, algumas crianças tiveram dificuldade para apresentar a brincadeira, dificuldades em expressar-se oralmente e insegurança a respeito do sucesso ou não da sua atividade. E quando isso acontecia, na posição de responsável pelo processo, fazia as mediações necessárias, visto que algumas vezes a não aprovação da brincadeira se dava por não ser possível realizá-la no mesmo formato como se brinca em outros espaços.

O “Amigo Secreto” apresentado pela aluna Brenda<sup>1</sup> foi um desses casos. A brincadeira consistia em cada aluno sortear um papel com o nome de um colega da sua classe, não podia contar quem era e deveria entregar um presente a esse colega. Para entregar o presente era necessário que a criança descrevesse o seu amigo secreto enquanto o grupo tentava adivinhar quem era a pessoa sorteada. No dia da apresentação da brincadeira, o grupo percebeu que não daria para dar um presente ao colega e então decidiram que era apenas para descrever quem era o seu amigo secreto e quando a turma descobrisse quem era o amigo secreto, este deveria dar um beijo e um abraço. A brincadeira aconteceu da forma proposta pelo grupo. Na avaliação final da brincadeira, alguns alunos disseram que foi chata e não teve graça, pois o legal seria ganhar o presente, pois era assim que funcionava em suas famílias. Isso deixou a

---

<sup>1</sup> Todos os nomes citados são fictícios.

Brenda, que já era uma criança tímida, muito chateada, pois sua brincadeira não havia sido “aprovada” pelo grupo.

Na roda de conversa no final da aula, expliquei ao grupo que algumas brincadeiras quando perdem algumas das suas características ficam diferentes, e que o objetivo da brincadeira Amigo Secreto era promover a troca de presentes, objetivo diferente do nosso nas aulas de Educação Física, e que em outras condições ou em outros espaços, a brincadeira pode ficar mais legal por manter suas características, e isso acabou fazendo com que a turma entendesse que a brincadeira da Brenda não era chata, ela apenas não estava em condições de ser realizada naquele espaço.

Como o tempo da aula já havia se esgotado fiquei pensando o que eu poderia ter feito para que a Brenda não se sentisse mal com a situação ocorrida. Procurando modificar o funcionamento da atividade, sugeri que na aula seguinte realizássemos novamente o “Amigo Secreto”, mas dessa vez o presente seria um desenho do amigo. Nesse novo formato, a brincadeira ficou mais engraçada, pois alguns desenhos faziam com que as crianças rissem e isso tornou positiva a avaliação final da experiência.

Para algumas brincadeiras identificadas no mapeamento inicial, mas que empregavam materiais que não possuíamos na escola, como a brincadeira “Boneco e Boneca”, enviei através do caderno de recados um bilhete solicitando o envio daquele material somente no dia da aula, para que pudéssemos dar prosseguimento ao projeto. Essa brincadeira, por exemplo, em todas as turmas que surgiu, teve uma boa avaliação, pois em seus depoimentos, ela costumava acontecer em casa de forma solitária, enquanto na nossa aula haviam muitas crianças com esse material e eles puderam se agrupar para brincar e trocar de bonecos durante a atividade. No decorrer das aulas pudemos comparar as diferenças entre os bonecos e as bonecas. Por que as bonecas das meninas se pareciam com bebês? Por que os bonecos dos meninos quase sempre eram super-heróis, ou homens bem fortes e musculosos? Por que os meninos não brincavam com os bonecos que representavam crianças recém nascidas? Por que as meninas não trouxeram bonecos de monstros e dinossauros? Essas questões nortearam uma discussão onde os alunos concluíram que as bonecas das meninas representam a condição de mães das bonecas e os bonecos dos meninos serviam para se imaginarem bem fortes e que conseguiam fazer tudo. Está presente aqui um discurso que mostra a mulher como responsável pela casa e pelos filhos, enquanto os homens ficam responsáveis pelo trabalho e pelo sustento

da família. Isso nos mostra uma visão machista de mundo que está presente desde cedo nas crianças.

Durante as apresentações, as crianças perceberam que algumas soluções de problemas que surgiram serviam para várias outras brincadeiras e, nesse sentido, em momentos onde esses conflitos aconteciam, elas já apresentavam uma proposta que havia dado certo para que a brincadeira fosse logo modificada e voltássemos a brincar. Esse foi o caso de algumas brincadeiras de “Pegador”, onde o maior problema quase sempre era que as crianças queriam ser os pegadores e ficavam parados durante a atividade para serem pegos. Percebido que isto acontecia em todas as variações do “Pega-pega” que foram apresentadas, alguns alunos logo sugeriam que quem fosse pego sentasse e aguardasse fora da brincadeira até que uma criança ficasse livre por último e, a partir daí, seria o novo pegador e a brincadeira recomeçava com todos. Dessa forma, todas as crianças acabavam fugindo para não ficarem fora da brincadeira. Em outros casos, como aqueles em que as brincadeiras que ao errar a pessoa saía, como a “Batata Quente” e “Vivo ou Morto”, logo as crianças propunham que quem errasse ficasse uma rodada fora da brincadeira e assim que outra pessoa errasse, o colega poderia voltar para que não ficassem sem brincar.

Ao final de todas as apresentações, que terminaram por volta de Outubro/Novembro, realizamos um trabalho de reconhecimento das brincadeiras de outras épocas. As crianças, divididas em pequenos grupos, receberam uma reprodução da imagem do quadro “Jogos Infantis” do pintor flamenco Peter Brughel (1564), para identificarem e anotarem em uma folha as brincadeiras que estavam representadas. Após as observações e as anotações dos alunos, ampliamos o quadro, utilizando o retroprojeter, e os alunos mostraram aos demais colegas onde estavam as brincadeiras que eles haviam registrado em suas anotações.

Durante essa atividade surgiram divergências quanto à identificação das brincadeiras pelos alunos, pois, enquanto alguns afirmavam tratar-se de uma determinada brincadeira, outros diziam ser outra. Durante essa discussão, o aluno Rodrigo perguntou: *Como as brincadeiras que existiam em 1564 ainda existem? Quem está ensinando as brincadeiras?* Esses questionamentos fizeram-me notar que as crianças não percebiam que todos estavam aprendendo e ensinando as brincadeiras para os colegas, os alunos entendiam que estavam apenas brincando.

Para esclarecer o processo de transmissão desse patrimônio ao longo da história, levei à escola minha avó, que reside nas proximidades e se dispôs a ensinar a brincadeira “Queda”, que não apareceu nem na lista de brincadeiras das crianças nem tampouco constava da pintura de Peter Brughel. A vinda dela à escola teve também a intenção de ilustrar com quem ela aprendeu a brincadeira, para quem ela ensinou, com quem e quais brincadeiras ela brincou na sua infância.

No dia marcado, as crianças realizaram perguntas para a “Vovó” (eles a chamaram assim, tendo em vista a sua idade). Procuraram saber com que brinquedos ela brincava quando criança, com quem aprendeu aquela brincadeira etc. Em meio à conversa, o aluno Kevin questionou: “*Mas ela sabe brincar mesmo? Ela já é velhinha!*”. Essa fala nos mostra que alguns alunos acreditavam que as brincadeiras são práticas exclusivas das crianças e que desaparecem quando nos tornamos adultos.

A Vovó falou um pouco sobre como era a brincadeira, que consistia em jogar uma bola na parede, recebendo-a de diversas formas cantando a música: “*Ordem! Em seu lugar! Sem rir! Sem falar! Num pé! No outro! Com uma mão! Com a outra! Bate palma! Piruleta! Trás pra frente! Mão cruzada! Queda!*”. Ela cantou a música junto com eles, demonstrou a brincadeira e depois foi ensinando às crianças como brincava, muitas vezes dando dicas de como eles conseguiriam realizar melhor a brincadeira.

Após a visita da “Vovó”, os alunos registraram em seus cadernos de Educação Física a letra da música da brincadeira que aprenderam para, posteriormente, perguntarem, a seus parentes se a conheciam e, em caso afirmativo, perguntar se era realizada da mesma forma que aprenderam na escola. Na aula seguinte, os alunos trouxeram diferentes variações da brincadeira, as quais foram experimentadas e comparadas em nossa aula.

Após a apresentação, “Vovó” relatou a sua felicidade e o prazer daquela experiência, pois a “Queda” era uma brincadeira que há muito tempo não brincava e que lhe remetia a lembranças de sua infância. Ela também nos falou que havia gostado muito de tê-la ensinado para tantas crianças.

Na continuidade do projeto, comparamos as listas de brincadeiras encontradas no quadro com aquelas realizadas pelos alunos durante o ano<sup>2</sup>, tentando identificar quais

---

<sup>2</sup> Cada sala comparou sua relação de apresentação das brincadeiras, fruto do mapeamento inicial, com aquelas identificadas na pintura “Jogos Infantis” de Peter Brughel (1564).

brincadeiras eram comuns, isto é, quais das retratadas por Peter Brughel foram apresentadas pelos alunos e quais ainda faltavam. A partir da comparação, elaboramos uma nova relação de brincadeiras a serem vivenciadas na escola. Para apresentação à turma, foram convidados os alunos que conheciam as brincadeiras mencionadas. Nessa etapa de apresentações mantivemos a mesma forma de trabalho, com exposição, realização e resoluções dos problemas ocorridos.

Por fim, promovemos um intercâmbio entre os alunos das diferentes turmas das primeiras séries. Neste intercâmbio, os alunos de cada turma apresentaram as brincadeiras que haviam aprendido com seus colegas de sala para os alunos das outras 1as. séries, com a finalidade de mostrarmos como as brincadeiras vão sendo transmitidas e aprendidas ao longo da história.

Para registrar o processo, os alunos desenharam a brincadeira que apresentaram. Todos os registros foram organizados para a construção de um painel, representando o nosso quadro de brincadeiras, ou seja, composto com as brincadeiras que realizamos durante todo o ano nas aulas de Educação Física.

Outra forma de registro utilizada foi a fotografia. Fotografamos as brincadeiras ao longo do ano e montamos um quadro que se aproximava do “Jogos Infantis”, mas que continha apenas as nossas brincadeiras. O quadro foi apresentado aos alunos para que reconhecessem suas brincadeiras por meio das imagens e o deixamos exposto na escola, para que os alunos das outras séries também pudessem apreciar e reconhecer as brincadeiras daquele coletivo.

Com o término do projeto, percebemos o alcance de alguns objetivos propostos inicialmente, entre eles, o respeito às diferentes formas de brincar e às construções coletivas de seus modos de brincar. Outro ponto positivo a ser destacado foi o método utilizado, as listas de apresentações colocaram os alunos enquanto sujeitos portadores de saberes. Tal protagonismo deixou as crianças extremamente envolvidas com a aula, visto que todos aguardavam ansiosamente o momento de apresentar a sua brincadeira. Esse envolvimento resultou numa efetiva participação dos alunos durante as atividades, tanto na participação nas brincadeiras quanto nos momentos de reflexão em que boa parte contribuía com opiniões e sugestões para a resolução dos problemas.

Tendo em vista que o macro-projeto “Identidade” era o norteador do currículo naquele ano, ressaltamos que o Projeto “Nossas Brincadeiras” alinhou-se e contribuiu

significativamente com os objetivos da instituição. Essa contribuição deu-se durante os momentos de aula, onde os saberes dos alunos foram reconhecidos e valorizados como legítimos. Esse reconhecimento e valorização dos saberes oriundos de outros locais externos á escola, possibilitou um sentimento de pertencimento aquele lugar onde o aluno havia aprendido a brincadeira, e no caso do nosso projeto, a maioria dos locais de aprendizado das brincadeiras havia sido o ambiente familiar. Dessa forma, a valorização e a legitimação dos seus saberes, colaborou com a afirmação positiva de suas identidades, uma das prioridades apontadas no Macro-projeto da escola. Portanto, é necessário lembrar que esse trabalho não se deu somente nas aulas de Educação Física, pois as professoras regentes de classe e a professora de Artes também realizaram diversas atividades que caminhavam na direção da legitimação das identidades dos alunos.

No entanto, como sói acontecer no cotidiano de todas as escolas, nem tudo correu com tranqüilidade. Observo que a organização do tempo poderia ter sido mais bem feita, pois, com a proximidade do final do ano letivo, não houve tempo hábil para realização de todas as atividades inicialmente previstas, como por exemplo, a exibição de um vídeo de nossas aulas para que as crianças pudessem perceber o processo de construção das brincadeiras. Também enxerguei uma falha no processo de apresentação das brincadeiras, pois ao seguir a ordem do mapeamento, percebi que uma categorização das brincadeiras durante as apresentações teria facilitado o entendimento de algumas questões por parte dos alunos.